



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de entrega das chaves da cidade de Montevidéu**

**Montevidéu-Uruguai, 16 de dezembro de 2003**

Eu não tinha a chave da cidade de Montevidéu. Essa cidade projetada com as suas portas abertas para centenas de brasileiros que, em momento histórico e muito ruim para o nosso país do ponto de vista da democracia encontraram aqui, em Montevidéu, um lugar para se refugiar, repensar suas vidas e trocar idéias.

Agora, com a chave eu fico imaginando que poderemos mandar muito mais gente, e eu espero que não seja por problemas políticos, mas para conviver com este povo extraordinário do Uruguai, com este povo extraordinário de Montevidéu, para sempre aprender um pouco mais.

Eu quero, meu caro prefeito Mariano Arana, dizer da minha alegria de receber esta chave, junto com o presidente Kirchner, junto com o presidente Carlos Mesa e o nosso companheiro Nicanor Duarte, do Paraguai, que teve que ir embora.

Este é um momento em que nós tivemos uma extraordinária reunião do Mercosul, na capital do Mercosul, que é Montevidéu, em que fizemos um acordo histórico, na medida em que o Mercosul e a comunidade andina fizeram um acordo que certamente mudará, e muito, as relações que nós tínhamos até agora. É um momento em que temos, aqui, nesta cidade, dezenas ou centenas de companheiros dirigentes sindicais de todo o Mercosul, e temos dezenas de prefeitos e prefeitas das cidades mais importantes, além de parlamentares dos vários países que compõem o Mercosul.

Por si só este já seria um momento excepcional. Mas nós temos aqui algumas personalidades que eu gostaria de citar, para que o meu querido Mariano Arana possa saber que estão aqui: o governador de Santa Catarina,



nosso companheiro Luiz Henrique; o nosso companheiro Zeca do PT, governador do estado de Mato Grosso do Sul; o nosso companheiro Antonio Palocci, ministro da Fazenda do Brasil. Depois, o Kirchner apresentará os ministros da Argentina que estão com ele.

Eu não tenho o equilíbrio emocional do presidente Carlos Mesa, que consegue controlar os seus três minutos de improviso. Eu fico nessa de improviso e vou me empolgando. Eu temo que o dia de hoje seja muito longo, mas eu estou feliz. Eu estou feliz pela chave da cidade, eu estou feliz pelo carinho que eu tenho recebido de homens e mulheres do Uruguai, onde quer que eu os encontre, seja no Brasil, na Argentina, no Peru ou em qualquer outro lugar do mundo.

Eu estou feliz porque este encontro de hoje, do Mercosul, é para minha cabeça uma coisa muito gratificante, porque durante muito tempo alguns dirigentes políticos do meu país e alguns dirigentes políticos da América Latina e da América do Sul diziam que eu não podia ser eleito Presidente da República do Brasil, porque eu iria acabar com o Mercosul. Houve até quem fosse no meu país falar isso.

Quando tomamos posse, já durante a campanha, tínhamos assumido um compromisso de que o Mercosul seria a base da construção da nossa política externa e, como primeira demonstração disso, fiz uma visita à Argentina. Tive o primeiro contato com o presidente Duhalde e, ali, firmamos um pacto de que era preciso trabalhar muito para que nós pudéssemos reconstruir o Mercosul. Até porque o Mercosul não tinha acabado, o Mercosul não tinha fracassado, o que tinha fracassado era a economia do Brasil, a economia da Argentina e a economia dos outros países.

Resolvemos reconstruir o Mercosul. Tomamos consciência, meu querido Prefeito, que para a reconstrução de um fórum como o Mercosul era preciso, antes de tudo, ter a confiabilidade política das pessoas que dele participam. Era preciso que não houvesse desconfiança entre os dirigentes dos nossos



países, que não houvesse disputas menores e que nós pensássemos sempre de forma positiva no que poderíamos ganhar com essa integração.

Em 11 meses, me reuni com todos os Presidentes dos países da América do Sul. Com alguns, mais de uma vez. Em 11 meses, tivemos muitos contatos com a Argentina, quando não, com o Presidente da República. Os ministros têm se encontrado. Com o Uruguai, foi a mesma coisa. E não conversamos apenas com aqueles de quem gostamos, conversamos com aqueles que exerciam o papel de chefe de Estado, na ocasião.

Quando eu vou a um país eu não quero saber se o Presidente é ou não afinado ideologicamente comigo. Eu quero saber se ele é o Presidente do país e eu tenho que tratá-lo como chefe de Estado e fazer a política que um chefe de Estado tem que fazer com outro.

Quando eu tiver que me reunir com aqueles de quem eu gosto, aí eu não farei a visita como chefe de Estado mas, sim, como companheiro de um partido político.

E essa reunião de hoje, para mim, foi o coroamento de uma tarefa que nós nos propusemos fazer, a Argentina, o Brasil, o Uruguai e o Paraguai. Nós nos propusemos a trabalhar, a vencer todas as divergências que pudessem existir entre nós, as históricas e as contemporâneas. E eu acho que, hoje, nós consolidamos o Mercosul. E a partir dessa consolidação, sem que nenhum país perca a possibilidade de fazer os seus acordos bilaterais com outros países, nós queremos fazer mais.

Nós queremos que o Mercosul não perca de vista a sua relação com a União Européia e com os Estados Unidos, que são os nossos maiores parceiros comerciais. Nós não podemos perder de vista, nunca, a importância que a China tem na relação com o Mercosul e com a América do Sul. Nós não podemos perder de vista o que a Índia pode representar na relação com o Mercosul. Nós não podemos perder de vista o que poderemos ganhar numa



aliança entre o Mercosul e a África, entre o Mercosul e países árabes, entre o Mercosul e outros países asiáticos.

O importante é que nos decidimos que não vamos ficar esperando alguém vir ao Mercosul para saber o que é o Mercosul. Nós vamos viajar o mundo mostrando o que somos, o que temos e o que queremos. É por isso que, na última viagem, eu tive o prazer de ter a companhia do companheiro Duhalde, ex-presidente da Argentina, que é o presidente da Comissão Permanente do Mercosul.

E vamos continuar fazendo isso porque acreditamos que nós não nascemos para ser pobres a vida inteira, nós não nascemos para ser país em desenvolvimento a vida inteira, mas também não nascemos para ficar de fórum em fórum chorando o fato da vaca leiteira não ter passado na porta da nossa casa. Eu digo sempre que não é possível fazer uma boa política se quem a está fazendo não tem auto-estima.

Primeiro, nós temos que acreditar no que estamos fazendo. Segundo, nós temos que fazer as pessoas acreditarem que aquilo que está sendo feito é importante naquele momento histórico. Eu não posso falar por outro país, mas como eu tenho muitos amigos na Argentina, como eu tenho muitos amigos no Paraguai e tenho alguns amigos no Brasil, eu poderia falar, inclusive, por meus companheiros da Bolívia.

Eu acho que em poucos momentos da sua história este Continente viveu uma auto-estima tão elevada com agora. Porque em poucos meses aconteceu, neste Continente e na América do Sul, uma coisa que muito cientista político, com pós-doutorado na Sorbonne ou em outra universidade qualquer, não imaginava que pudesse acontecer.

O Kirchner não estava nos prognósticos daqueles que previam o resultado eleitoral. O Lula, vindo de onde veio e tendo a formação que tem, não estava predestinado a ser Presidente do Brasil. E o Carlos Mesa era vice. O Nicanor representa o rompimento com a cultura tradicional dos partidos



centenários do Paraguai. O Chávez é a mesma coisa. E tem mais coisa para mudar.

Sobre nós pesa uma responsabilidade que pode não pesar nos ombros de um político tradicional, porque um político tradicional se eleger e, se não deu certo, ele volta para sua atividade profissional ou vai fazer qualquer coisa não sei onde. Nós temos uma responsabilidade muito maior, porque o que está em jogo não é o nosso mandato, é a nossa história. E quando isso acontece, aumenta a nossa responsabilidade e a nossa eficácia para não errar.

Eu tenho discutido quase todo santo dia no Brasil. De vez em quando eu tenho companheiros que querem dar passos mais rápidos, outros menos rápidos, e eu digo sempre o seguinte: a gente não pode nem dar um passinho muito devagar, nem dar um passo muito grande, porque até os grandes jogadores de futebol, que treinam todo dia, quando forçam demais têm distensão e ficam muito tempo sem jogar.

Na política nós temos que dar passos medidos, calculados, pensando estrategicamente no que vai acontecer no mês seguinte, no ano seguinte, porque um erro pode ser fatal para alguém que quer contribuir com a queda da tradição oligárquica que, durante tantos anos, governou o nosso Continente.

Por isso eu estou feliz, porque acho que já fizemos muito nesses poucos meses de Kirchner, nesse quase um ano de Lula, nesses poucos dias de Carlos Mesa. Quando eu fui à Bolívia, a Santa Cruz de La Sierra, para uma reunião, eu falei: olha, ele tem cara boa. Eu acho que será um bom Presidente, eu acho que a Bolívia estava precisando de uma pessoa equilibrada, não de um populista daqueles que falam coisas que nem eles acreditam, mas falam porque é mais fácil falar do que fazer. E como eu já tinha perdido três eleições no Brasil, eu já sabia o quanto era duro perder

Eu quero que o meu querido Prefeito saiba que nós não jogaremos fora esta oportunidade de fazer com que o povo do meu país e que os outros Presidentes, nos seus países, façam com que o nosso povo recupere não



apenas a auto-estima, mas a dignidade de viver bem.

E com essa chave, certamente tudo será mais fácil.

Muito obrigado.

/rss/cms